

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

A PORTA DE ALMEDINA (COIMBRA): OBSERVAÇÕES NO ÂMBITO DA RECUPERAÇÃO DE FACHADAS NA TORRE DE ALMEDINA

Sara Oliveira Almeida¹

RESUMO

A Torre de Almedina impõe-se, ainda hoje, a quem ingressa no centro histórico de Coimbra, erguendo-se no ponto mais vulnerável da cerca muralhada, na passagem entre a almedina e os arrabaldes.

Trata-se de um monumento emblemático, controverso e já amplamente intervencionado. Em 2011, a empreitada de reabilitação de fachadas veio fornecer novas pistas de investigação e tornar uma vez mais evidente o quanto ainda se nos escapa das transformações operadas no monumento.

Neste sentido, para além de uma nova interpretação e datação para o quadro de baixos-relevos inferior sobre a porta, avança-se com a descoberta de um elemento de reforço defensivo da entrada na abóbada superior e de dados que complementam o conhecimento acerca do aspecto original do painel escultórico superior.

Palavras-chave: Coimbra, Muralha, Arqueologia de Salvaguarda, Arquitectura defensiva, Apocalipse.

ABSTRACT

Almedina Tower imposes itself, even today, to those who enter the historical center of Coimbra. The building rises at the topographically most vulnerable point of the walled fence, in the passage between the *al-madinâ* (the ancient part of the town) and the suburb.

It is an emblematic monument of the city, controversial and already widely intervened. The last renovation work on the façades in 2011 provided research clues and displayed how much still escapes us of the transformations operated in the monument.

A new interpretation and chronology is now presented for the lower bas-relief frame on the door, the discovery of a defensive reinforcement element of the entrance, in the superior vault, and data that complements the understanding of the original aspect of the upper sculptural panel.

Keywords: Coimbra, City wall, Rescue archeology, Defensive architecture, Apocalypse.

1. INTRODUÇÃO

A Torre da Almedina impõe-se, ainda hoje a quem ingressa no núcleo antigo da cidade de Coimbra. Esta mole arquitectónica ergue-se no ponto topograficamente mais vulnerável da cerca medieval, na passagem entre a almedina e os arrabaldes que se distendiam entre a muralha e o rio.

Trata-se de um monumento emblemático da cidade, controverso na determinação da sua evolução e transformações e já amplamente intervencionado, particularmente no século XX. Mais do que isso cor-

responde a um símbolo da cidade que fascina todos os que o atravessam, ainda que quotidianamente. Aqui, o pendor do caminho vê-se temperado pelo devaneio de olhar as paredes ao abismo das alturas, fixando-se em diferentes aparelhos que resistem ao escrutínio de quem os fita. Este estímulo sensorial, fruto dos mistérios com que o monumento nos assedia, erradamente insinua que de tão exposta e vislumbrada a construção já pouco terá a revelar. Efectivamente, na sequência da última empreitada de reabilitação de Fachadas da Torre de Almedina, promovida pela autarquia, em 2011, a acessibilidade

1. Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); sara_almeida11@hotmail.com

aos panos intervencionados possibilitou a constatação de um conjunto de evidências que fornecem pistas para a investigação das transformações operadas no monumento, nomeadamente no que toca à defesa da Porta.

O presente trabalho sem pretensão de tratar o vasto leque de questões que se levantam relativamente a esta construção² pretende apresentar um contributo muito objectivo e concreto, circunscrevendo-se às observações potenciadas pela obra. Apresentam-se assim as ocorrências detectadas ao nível dos elementos construtivos e decorativos e conjecturam-se possíveis significados interpretativos dentro do restrito alcance da intervenção.

2. O MONUMENTO: HISTÓRIA, INTERVENÇÕES, INTERPRETAÇÕES

Não é certa a época de construção da Torre de Almedina, nem tão pouco se revela claro o seu faseamento evolutivo. Admite-se a sua associação, ou a de uma parte dos seus componentes estruturais, à cerca medieva. No entanto, dada a proximidade da muralha romana, cujo traçado não distará muito deste ponto, não é de descartar completamente a hipótese da Porta ou Torre incorporarem fossilizadas marcas desse período.

De facto, como oportunamente havia notado Nogueira Gonçalves (1947) na passagem que consagra à sua descrição e interpretação, a construção “considerada tanto no seu plano térreo como na elevação, pertence a diversas épocas” (Figura 1).

A este respeito as fontes documentais sem serem resolutivas lançam alguma luz sobre a questão. No século X, Ahmede Arrazi fala de uma “cidade muito forte” e “castelo mui excelente” e Edrici fazendo eco dos textos do séc. XI/XII menciona uma cidade “absolutamente inexpugnável” cercada por “muralha sólida, rasgada por três portas” (Coelho, 1972) uma das quais, naturalmente, a de Almedina. À mesma referem-se os textos cristãos, nomeadamente um documento de 933 do mosteiro do Lorvão que aludindo à localização da Igreja de Santa Cristina assenta que “*et est ipsa ecclesia secus murum ciuitatis. . . ad portam de Almedina*” (*Diplomata et Chartae*, doc. 37 *apud* Ventura, 1979: 46). Esta surge igualmente designada como *Porta da Cidade* em 1088 e *Porta do*

Arco em 1229 (Ibid., 47).

Posteriormente, no *livro do Almojarifado* de 1395 afirma-se que o rei (D. João I) “*tinha hua tenda com a dicta porta* (a da Almedina) *a qual foy tapada quando fezeram a torre nova da dicta porta*” (Ibid, 225).

Em finais do séc. XV, a Torre alberga a Casa de Audiência da Câmara, designando-se de *tore da rrolaçam* em aforamento de 1502 (Campos, 1875: 57, doc. Nº CIII *apud* Alarcão, 2008: 220). Ao longo do século seguinte ocorrem obras de remodelação incidindo sobretudo na parte superior e na sua organização interna.

Ainda em época moderna, o Tombo da Câmara de 1532 (Tombo Antigo) mostra que a torre e o arco da Almedina, bem como a barbacã, estavam afogados por prédios de habitação que já não seriam nesta data muito recentes. O tombo antigo descreve neste ano a torre desta forma: “*Item tê a dita çidade hua torre sobre a porta de almedina de hum sobrado por ser te o meio maciça cõ suas escadas de pedrarya e ê çima huas varandas de aRedor em que fazê camara e em baixo audiências e ê cima tê hua capela em que se diz missa antes que entrem a camara a qual tem um vão de comprido do norte ao vendaval sete varas e de largo do soão pera trauessya outras sete varas*” (Carvalho, 1963: 41).

Esta fase de utilização coincide com o fenómeno generalizado de depredação da cerca que leva a Câmara, de acordo com o Livro de regimentos e posturas (1940: 51), a determinar no séc. XVI a proibição de se tirar pedra da muralha.

Já em época contemporânea (1875) dá-se a instalação do tribunal na Torre e em 1878, por deliberação camarária, aqui se fixa a sede da Escola Livre das Artes e Desenho.

Às obras associadas ao funcionamento das reuniões camarárias, tribunal e escola artística somam-se as sucessivas campanhas de restauro e conservação promovidas pela DGEMN (1942/1945/1946 e 1953). Sucede-se em 1954 a inauguração da instalação do Museu Etnográfico, para em 1988 o edifício passar a integrar o Arquivo Histórico Municipal. Finalmente, as últimas obras de grande vulto ocorridas reportam-se a 2000 e foram promovidas pela Câmara para instalação do atual núcleo museológico (Núcleo da Cidade Muralhada) (Figura 2).

Esta sucessão de utilizações exponencia, em grande medida, os desafios de leitura do monumento favorecendo o redobrar de hipóteses interpretativas.

A proposta de Nogueira Gonçalves (Correia e Gon-

2. Que foi já alvo de trabalhos de natureza arqueológica em 2000 e 2014, ainda não publicados.

çaves, 1947: 6) assenta num modelo primitivo de porta (do séc. IX) com arco e abóbada intermédia de época condal (sécs, XI-XII) entre dois cubelos. Defende ainda a extensão dos cubelos, ligando-se por meio de arco e forte torreão em finais do séc. XV / início do séc. XVI (Figura 3).

Do mesmo modo, também Pedro Dias (1982: 52) vê na matriz geral da torre uma obra de feição renascentista, apoiando-se igualmente na data 1541 (associada à palavra *Senado*), inscrita no lintel de uma porta interior da torre.

Já, Berta Duarte (2005: 97) atribui à governação de D. Sesnando a reforma que confere ao monumento “o aspecto de forte torreão que ainda hoje conserva”. Mais plausível afigura-se a exposição de Jorge de Alarcão (2008: 225) que integra a ampliação da porta e construção da torre no contexto das grandes obras de reforço das muralhas e construção da barbacã empreendidas por D. Fernando. De facto, o vulto dos trabalhos de construção fernandinos, a sua incidência numa área adjacente à porta e o contexto geopolítico da época, para além dos argumentos aduzidos pelo autor (robustez da torre, frestas muito estreitas, matacões e escudo nacional no chanfro da esquina do lado direito [Figura 4]), fazem desta uma explicação francamente apelativa. Para mais, esta linha de interpretação encontra-se em sintonia com a já citada referência do *Livro do Almojarifado* de 1395 à tenda do rei “*tapada cando fezerom a tore nova da dicta porta*” (da Almedina). Ora, a ser sesnandina a torre não seria “nova” na época do mestre de Avis. De igual modo, uma atribuição manuelina à dita *tore nova* referida no tempo de D. João I resulta numa impossibilidade histórica.

Portanto, na ausência de novos argumentos admite-se então uma cronologia da segunda metade do séc. XIII para a edificação da possante torre que em traços gerais se conserva actualmente.

O mesmo investigador apresenta uma proposta de transformação diacrónica do monumento que, conquanto potencialmente controversa ou até um pouco livre, se revela particularmente estimulante em termos conceptuais.

Refira-se a título exemplificativo a proposta da hipotética barbacã do séc. XII (Alarcão, 2008: 228). A particularidade da inserção oblíqua da porta da muralha e o seu paralelismo com a de Conimbriga já havia sido notada por Adrian de Man (2005: 13) entendida naquele caso numa lógica de desenho táctico. Tal como é referido, esta disposição pouco franca não é

vulgar ainda que com paralelos longínquos. Certo é que o hipotético cubelo embebido no aparelho do lado direito da porta (cf. Figura 3) testemunha que esta inserção oblíqua recua pelo menos à primitiva configuração da porta (neste local). Nesta lógica, a existência de uma barbacã de porta à maneira estipulada por Vegésio (Livro IV, IIII) “*ut ante portam addatur propugnaculum*”, enquadrar-se-ia perfeitamente numa tradição defensiva muçulmana com princípios estabelecidos na tratadística romana e que se podem observar até ao séc. XIII (Monteiro, 1999: 73). A solução proposta por Jorge de Alarcão (2008: 227) na sequência da indicação patente em documento de 1211, sugestivamente assinado “*inter ambos lados da porta de Almedina*” configuraria, para além do óbvio reforço defensivo, maior equilíbrio ao traçado do sistema da entrada na muralha dotando-o de uma entrada frontal que atenuaria a obliquidade da porta da muralha propriamente dita. Desta feita, o arco pequeno da barbacã fernandina assumir-se-ia como uma reinterpretação desta hipotética construção (Figura 4).

3. NOVOS DADOS E OBSERVAÇÕES

Os dados e as ideias que aqui se apresentam decorrem das observações e da documentação efetuada no âmbito da intervenção de *recuperação de fachadas da Torre de Almedina (2ª Fase)* desenvolvida em 2011. Neste contexto, a detecção de um novo elemento na constituição da abóbada superior da porta da Almedina implicou a adopção de uma estratégia de registo que passou pelo levantamento do seu intradorso³.

Tal como a conhecemos presentemente, a porta da muralha, em termos volumétricos, situa-se num plano reentrante da torre, antecedida por um corredor de acesso encimado por uma abóbada de arco quebrado sobre a qual se desenvolve o possante torreão.

Nesta zona, a descoberta de novos dados vêm somar-se aos já referidos vestígios arquitectónicos patentes no lado ocidental da passagem da Torre (Figura 3). Sendo de crer que a coexistência de distintos aparelhos construtivos ao nível da cobertura da entrada, bem como as discrepâncias na configu-

3. Os levantamentos orto-fotogramétricos realizados pela Artescan resultam de registos complementares acrescentados ao levantamento do CEAACP, parcialmente publicado por Jorge de Alarcão (2008) e gentilmente cedido para propósitos de estudo.

ração dos dois lados da abóbada (Figuras 5 e 6) revelam realidades cronologicamente desfasadas que importa analisar.

O corpo mais antigo, corresponde à passagem mais baixa com os respectivos arcos e porta. Segundo Nogueira Gonçalves (Correia e Gonçalves, 1947:6) a porta teria arco em ferradura, tendo as ombreiras salientes sido cortadas no século XIX. Efectivamente, neste sector notam-se profundas transformações, registando-se uma significativa extensão de aparelho de pedra miúda decorrente de reparações recentes, que foi encoberta com reboco.

Tal como já foi extensamente referido, o cubelo existente no lado ocidental (a azul no esquema patente na figura 3) é absorvido numa robusta construção de blocos grosseiramente esquadriados com assentamento de tendência linear provavelmente de autoria fernandina. Esta fase construtiva (identificada a amarelo no esquema patente na fig. 3) englobará ainda a estrutura e couraça exterior da torre, o lado oriental da entrada, o topo da parede de fundo sobre a porta (Figura 5) e a cortina da abóbada superior assente nas impostas laterais.

Até à referida intervenção desconhecia-se que a estereotomia da abóbada superior engloba dois aparelhos distintos, dissimulados pelo efeito da uniformização de fingidos (Figura 6).

O primeiro e mais extenso é em silharia de calcário incorporando dois matacões na linha de fecho. Um manto de marcas de canteiro polvilha esta superfície, identificando-se vinte e uma siglas distintas. Saliente-se que o desenho da abóbada denuncia um assinalável desvio de simetria relacionado com a projecção da entrada e o seu desajuste relativamente ao eixo da porta. Esta assimetria é compensada pelo arranque recuado da abóbada no lado SW (cf. Figuras 5 e 7) e mascarado no que toca à percepção ao nível do chão, pela linearidade da imposta (cf. Figura 7). Refira-se ainda que aqui a regularidade do aparelho é intencionalmente reforçada pela adição de juntas destacadas (Figuras 5 e 6).

O segundo aparelho, em soleto cerâmico, conforma uma faixa (com 1,45 cm de largura) junto à parede de fundo, revestida com barramento de argamassa decorado com aplicação de juntas fingidas em destaque (identificado com trama pontilhada na figura 6). Esta construção desenvolve-se de encosto à parede de fundo, assentando nas paredes laterais (em alvenaria de pedra). Mercê do já referido recuo da base da abóbada (a SW), este apoio nos muros laterais é

mais evidente no lado oriental que se apresenta saliente (cf. Figuras 5 e 7).

Perante os dados acima apresentados tudo indica que a zona da abóbada imediatamente sobre a porta era vazada. Assim sendo, existiria um grande vão sobre a porta cuja interpretação não resulta totalmente clara.

A utilização deste “poço” para o despejo de matéria sobre os atacantes tornaria redundantes os matacões existentes e poderia, pela proximidade, danificar a própria porta. Embora provável, não parece, assim, inteiramente seguro que fosse esta a função associada a esta abertura.

Igualmente discutível afigura-se a sua relação com o funcionamento de uma grade de descer. O recurso a esta estratégia de defesa documentada já em período romano encontrava-se assim estipulada por Vegetius: “*ponitur cataracta, quae anulis ferreis ac funibus pendet, ut si hostes intraverint demissa aedem extingantur inclusi*” (Livro IV, IIII). Este era assim apontado como um recurso eficaz na protecção contra o fogo. O *Portculis*, em inglês, ou *rastrillo*, em castelhano, surgem recorrentemente associados à defesa das portas medievais, sendo célebre a do ribat de Susa (Pavon Maldonado, 1999: 418). A título ilustrativo refiram-se os exemplos da Porta do Mercado em Almazan (Sória) e da Porta de Toledo em Cidade Real (Blasques, 1915) por evidenciarem, sobretudo a última (datada dos séc. XIII/XIV), uma feição muito próxima da da Torre da Almedina. Esta analogia formal entre as duas torres (da Almedina e de Toledo em Cidade Real) com datações aparentemente aproximadas está patente na sua integração num robusto torreão com desenvolvimento em altura e na sobreposição de arco ogival frontal, ao arco em ferradura, muito embora a Torre da Almedina ostente superior monumentalidade. Contudo, nos dois casos espanhóis o *rastrillo*⁴ corre encaixado num arco ogival posicionado entre os arcos da porta. Ou seja, nos casos citados o arco superior define claramente um matacão sobre a porta (Figura 7).

De todo o modo esta abertura será encerrada com o esmorecimento dos requisitos defensivos da cidade, possivelmente aquando da instalação da Casa de Au-

4. Informação consultada em <http://www.miciudadreal.es/2013/03/19/ciudad-real-importantes-restos-arqueologicos-descubiertos-en-la-puerta-de-toledo-podrian-probar-que-su-construccion-se-remonta-al-reinado-de-alfonso-x/>.

diências da Câmara e da aplicação do painel escultórico superior (fase rosa no esquema patente na figura 3). Efectivamente, o segundo aspecto documentado no âmbito da intervenção de 2011 prende-se com o citado painel escultórico superior. Este retábulo organizado em três molduras ostenta o brasão nacional e o brasão da cidade (com a representação de Sidazunda) e ao centro uma escultura da Senhora com o Menino e pinha (Figuras 7, 8 e 9). Esta composição datará da segunda metade ou finais do século XV (muito embora a peça central possa ser mais antiga). Com efeito este elemento, na sua função de suporte propagandístico, marca um novo capítulo na história do edifício – o da sua adaptação ao exercício civil. Os trabalhos de restauro e limpeza vieram a revelar vestígios de uma extensiva policromia, testemunho da opção estética de enfatizar por meio da ostentação decorativa a iconografia do poder. Refira-se que o topo da parede de fundo (sobre o painel) preservava ainda vestígios de pintura vermelha e que os baixos-relevos e a escultura eram profusamente coloridos preservando pigmentos de pintura a dourado, rosa, amarelo, esverdeado, azul, preto e vermelho. Assim sendo esta parede seria (pelo menos na zona mais elevada) inteiramente coberta com pintura, que associada à componente escultórica conferir-lhe-ia um destaque e exuberância inexistentes no seu aspecto actual (Figura 8). É nesta fase, e denunciando o mesmo cuidado e preocupação estética, que terá ocorrido a operação de uniformização da aparência da abóbada com a sua caiação e aplicação de juntas em destaque e fingidas (Figuras 8 e 9).

Finalmente resta-nos aludir aos vestígios mais antigos de três baixos-relevos embutidos na parede de topo sob o painel acima referido. Das imagens apenas se conservam, em avançado estado de degradação, as dos extremos, encontrando-se a figura central apagada pela erosão (Figura 9).

Na opinião de Nogueira Gonçalves (Correia e Gonçalves, 1947:7) trata-se da representação da serpe rastejante e de um leão passante, alusivas à lenda da Sidazunda, configurando-se no que seria o mais antigo símbolo do brasão da cidade a que atribui uma cronologia do séc. XIII.

Contudo, apresenta-se agora uma interpretação alternativa para a identificação e datação da cena aqui figurada.

Em visita ao local, Nelson Correia Borges⁵ impres-

5. A quem se agradece a informação.

sionado com o estilo arcaico da figura da direita identifica o estreito paralelismo com a besta do Apocalipse do Lorvão.

Com efeito, é nítida a afinidade deste baixo-relevo com a besta da terra figurada no célebre manuscrito de 1189 – note-se a bidimensionalidade do perfil, a postura, o movimento da cauda rematada com apêndice, a posição dos membros com garras nas extremidades (Figuras 10b e 10d). Assumindo então a partilha da mesma identidade e a alusão a este imaginário compreender-se-ia igualmente a presença da serpente figurada na extremidade ocidental.

Sem outros dados de sustentação para além da razoabilidade da ideia, enuncia-se então a hipótese de, ao centro e como representação principal, ter figurado o cordeiro, numa alusão à *Vitória do Cordeiro* – epílogo triunfal da narrativa apocalíptica (Figura 10 a).

Parece-nos assim que esta conjectura se revela mais apropriada ao imaginário e ideologia da época, constituindo uma mensagem rica de desdobramentos de sentido, directamente dirigida ao Inimigo da nação e da fé.

Admitindo-se a teoria exposta, propõe-se, portanto, o recuo da datação do conjunto figurativo para o século XII. Neste contexto, o encastramento das imagens poderia inscrever-se numa ação de restauro ou manutenção assumida, possivelmente, por D. Sancho I, ou até resultar de uma intervenção de maior vulto. Mas relativamente a esta questão, sem o surgimento de novos elementos parece-nos estéril discorrer (Figura 10).

4. NOTA FINAL

Para rematar as observações expostas destacam-se as ilações que nos parecem mais relevantes por arrastarem novas linhas de interpretação ou simplesmente ajudarem a compor a imagem de algumas das etapas de transformação da Torre da Almedina.

Assim, antes de mais, equaciona-se a possível identificação da cena apocalíptica da *Vitória do Cordeiro* nos arcaicos baixos-relevos que encimam a porta, sugerindo-se uma datação compatível com o reinado do Povoador para a lavra desta mensagem.

Em segundo lugar, chama-se a atenção para a existência de um aparente matacão, de dimensão muito superior aos que eram conhecidos, pendente sobre a porta, da fase de conformação do forte torreão e da abóbada superior (sec. XIV) e que terá sido en-

cerrado no século seguinte ou nos inícios de XVI. Finalmente, relativamente a esta fase, regista-se o momento de transformação do monumento em que sobressai um programa de adaptação do edifício a uma missão civil, com conhecidos testemunhos ao nível das transformações do espaço interior e agora no que respeita ao sector analisado (zona da entrada). Esta fase reveste-se de uma evidente preocupação estética em uniformizar e monumentalizar o intradorso da abóbada e assinalar através da criação do painel superior e da sua ostensiva riqueza cromática a marca de uma nova ordem assente no poder da religião, da nação e do município.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra – a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CARVALHO, José Branquinho de (1963) – Tombo Antigo (1532) (leitura e notas de) (continuação). *Arquivo Coimbrão*. Coimbra. 18, pp. 36-83, 192-230.
- COELHO, António Borges (1972) – *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa: I.
- BLÁZQUEZ, António (1915) – La puerta de Toledo de Ciudad Real. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Tomo 66, pp. 290-295.
- DE MAN, Adrian (2005) – Braun, Hoefnagel e as muralhas da cidade de Coimbra, *Arquivo Coimbrão*. Coimbra. 38, pp. 7-18.
- DE MAN, Adrian (2007) – Três Muralhas Urbanas e Alguns dos Seus Problemas. *al-madan*. II série. 15, pp. 68-74.
- DIAS, Pedro (1982) – *A arquitectura de Coimbra na transição do Gótico para a Renascença:1490-1540*. Coimbra: Edições Epartur.
- DUARTE, Berta (2005) – “Coimbra, cidade muralhada”. *Arquivo Coimbrão*, Coimbra. 38, pp. 93-108.
- CORREIA, Virgílio e NOGUEIRA, Gonçalves (1947) – *Inventário Artístico de Portugal. Cidade de Coimbra*. Lisboa. 1.
- Livro de regimentos y posturas desta mui nobre e sempre leal cidade de Coimbra / “Livro I da Correia (continuação)”* (publicado por LOUREIRO, José Pinto em *Arquivo Coimbrão*, 5, 1940, pp. 49-157).
- MONTEIRO, João Gouveia (1999) – *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média, Presença, Perfil, Conservação, Vigilância e Comando*. Lisboa: Edições Colibri.
- MONTEIRO, João Gouveia, BRAGA, José Eduardo (2009) – *Vegésio: Compendio de Arte Militar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PAVÓN MALDONADO, Basílio (1999) – *Tratado de Arquitectura Hispano-musulmana. II, Ciudades y Fortalezas*. Madrid.
- VENTURA, Leontina (1979) – A muralha coimbrã na documentação medieval. In *Actas das Ias Jornadas do Grupo de Arqueologia do Centro*. Coimbra, pp. 43-56.



Figura 1 – Planta de localização da torre da almedina com indicação do traçado da barbacã.



Figura 2 – Orto-fotomontagem das fachadas Sul e Norte (levantamento Artescan).

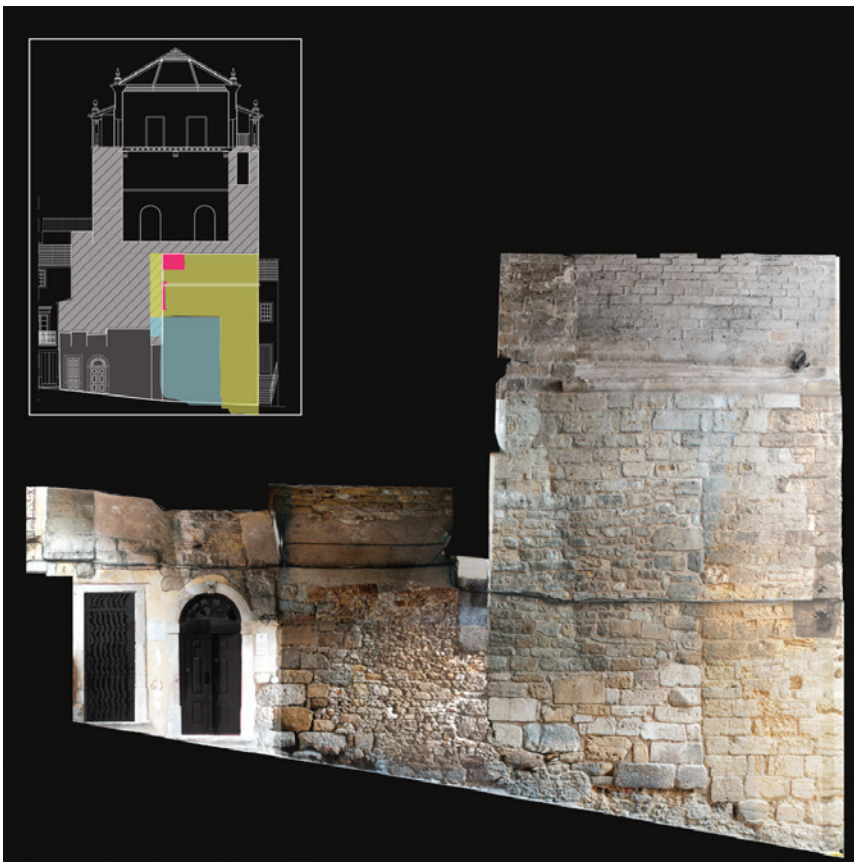


Figura 3 – Orto-fotomontagem do lado ocidental da passagem, com indicação esquemática do faseamento construtivo (levantamento Artescan e Sara Almeida (Corte))



Figura 4 – Fotografia do escudo nacional no chanfro da esquina do lado direito da entrada.

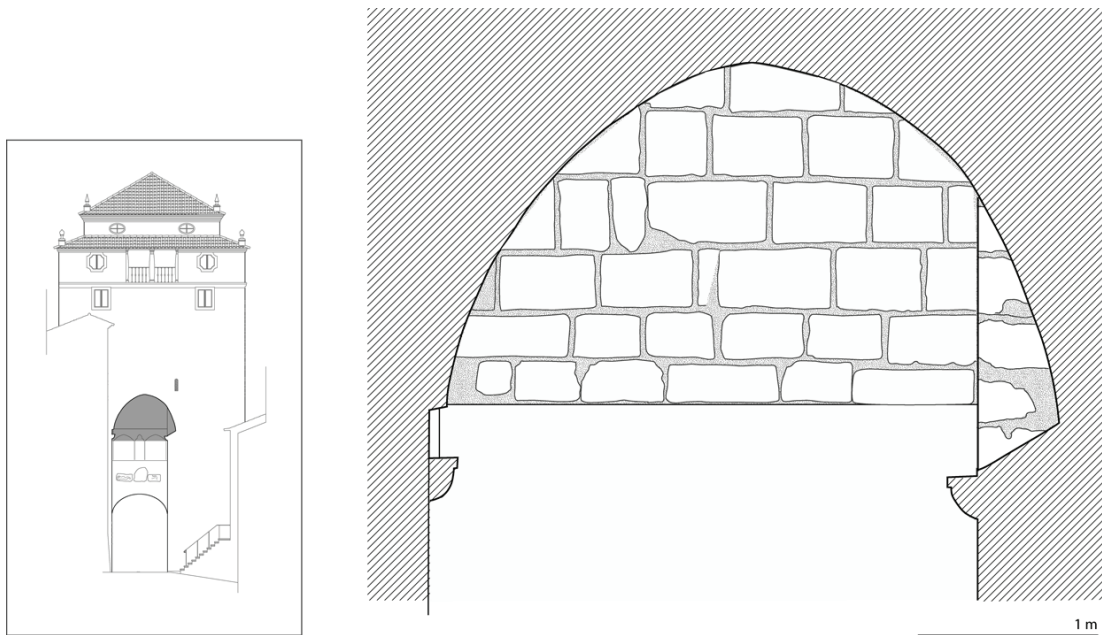


Figura 5 – Levantamento do aparelho em alvenaria da parede de fundo da abóbada superior.

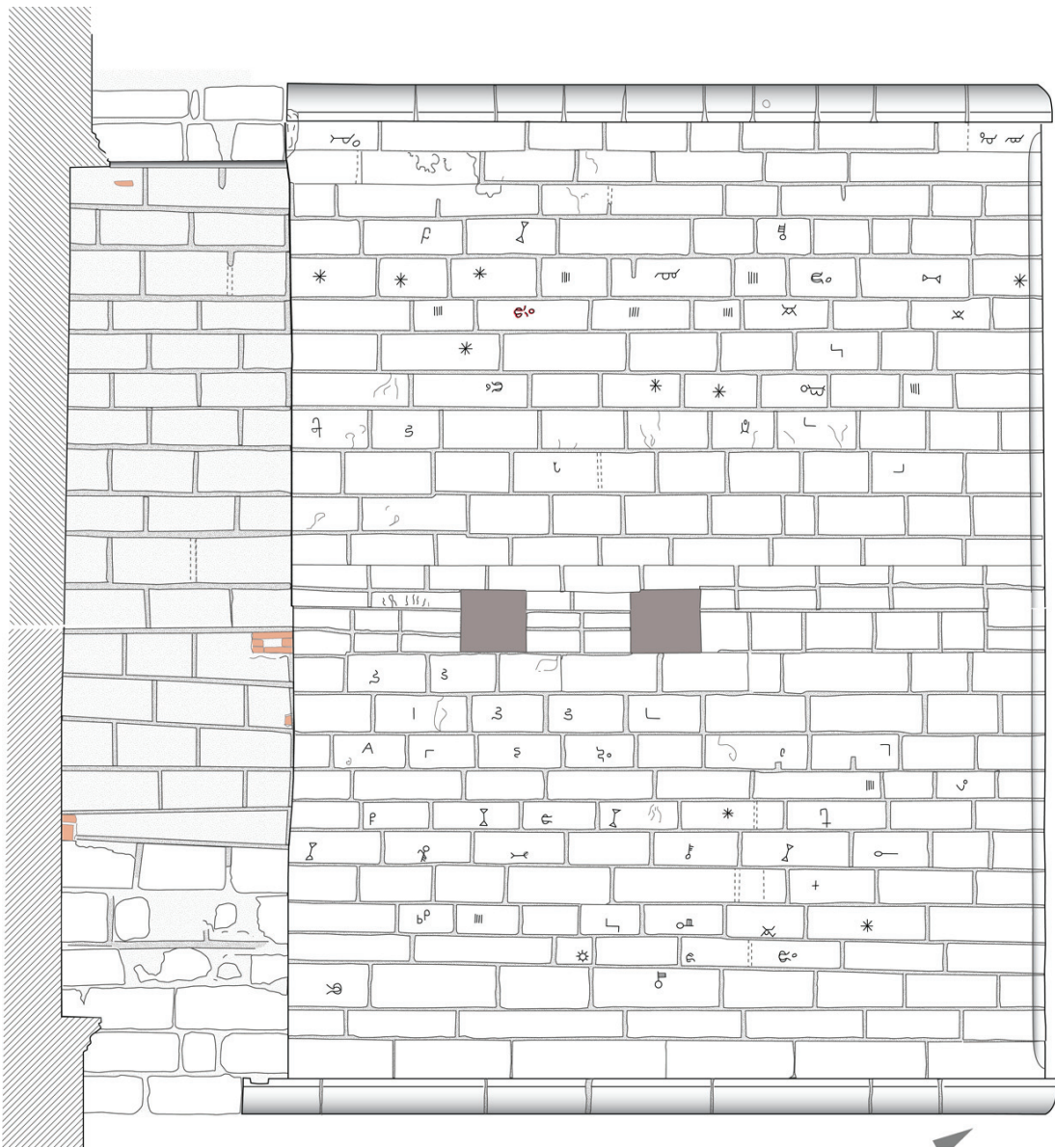


Figura 6 – Levantamento do intradorso da abóbada superior (a pontilhado aparelho de silhares fingidos).



Figura 7 – Nuvem de pontos 3D coloridos da abóbada superior da Porta da Almedina (Artescan).



Figura 8 – Aspecto actual das fachadas Sul e Norte da Torre de Almedina.



Figura 9 – Pormenor dos painéis escultóricos na parede de fundo da entrada da torre.



Figura 10 – a) ilustração da Vitória do Cordeiro do Apocalipse do Lorvão de 1189 (fl 19r); b) ilustração da Besta da Terra do Apocalipse do Lorvão de 1189 (fl 16r); c) fotografia do baixo-relevo da serpente; d) fotografia do baixo-relevo da besta. (Fotos de Sara Almeida e iluminuras disponíveis em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4381091>.)



Patrocinador oficial